

Metodologia no estudo da antropologia e pedagogia do *Chanoyu*

Profa. Dra. Chie Hirose¹

Resumo: O presente artigo é a versão modificada do capítulo 2 de *A Experiência do Corpo na Cerimônia do Chá - subsídios para pensar a educação*, tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Educação da USP (2010). O artigo examina e discute – a partir de Josef Pieper e outros filósofos – a metodologia da Antropologia Filosófica num fenômeno como o *Chanoyu*.

Palavras-Chave: Educação. Antropologia. Cerimônia do Chá. Metodologia.

Abstract: This article is an adaptation of the chapter 2 of *A Experiência do Corpo na Cerimônia do Chá - subsídios para pensar a educação*, doctoral dissertation presented to Faculdade de Educação da USP (2010). The article examines and discusses – from the writings of Josef Pieper and other philosophers – methodology of Philosophical Anthropology in such a phenomenon as *Chanoyu*.

Key-words: Education. Anthropology. Tea Ceremony. Methodology.

Antropologia filosófica: acesso indireto ao homem

O mais importante para a compreensão de nosso método para analisar o alcance antropológico do *Chanoyu* (Cerimônia do Chá) é lembrar que o acesso ao homem – trata-se de antropologia filosófica – não se dá de modo imediato e direto: não dispomos do “homem” como objeto direto de análise. A antropologia filosófica só atinge seu objeto por caminhos indiretos: sendo o homem um “esquecedor”², é necessário resgatar os grandes *insights* que já não se encontram disponíveis à consciência presente. Eles se “escondem” na linguagem, nas formas de agir e nas instituições.

O tema, o grande tema que subjaz a todos os escritos pieperianos é o homem, a antropologia filosófica. Mas - e com isto tocamos um dos traços principais do pensamento/método de Pieper - a essa realidade fundamental, o homem, só há acesso por caminhos indiretos. (...) O filosofar (...) deve recordar-nos das grandes verdades que sabemos, mas das quais, uma e outra vez, nos esquecemos. Pois o conteúdo das experiências não está totalmente disponível a nosso saber consciente. Pode ocorrer por exemplo que as experiências, as grandes experiências que podemos ter sobre o homem e o mundo, brilhem com toda a viveza por um instante na consciência e depois, sob a pressão do quotidiano, comecem a desvanecer-se, a cair no esquecimento... Seja como for, não é que se aniquilem (se se aniquilassem não restaria sequer a possibilidade de filosofar...), mas se transformam, se tornam...: *instituições, formas de agir do homem e linguagem*. Estes são os três “sítios” (para usar uma metáfora da arqueologia) onde o filósofo deve penetrar para recuperar o que tinha sido oferecido na experiência. Há um parágrafo essencial de JP sobre essas três vias privilegiadas de acesso: “Que significa experiência? (...) Um conhecimento com base num contato direto com a realidade (...) Mas os resultados que obtemos não desaparecem quando

¹ Doutora em Educação pela Feusp.

² Cf “Memória, mãe das musas” in Lauand, J. *Filosofia, linguagem, arte e educação*, São Paulo, Factash, 2007, pp. 123-124.

cessa o ato de experiência; acumulam-se e conservam-se: nas grandes instituições, no agir dos homens e no fazer-se da linguagem³".

Neste trabalho, voltar-nos-emos precisamente para as possibilidades pedagógicas "escondidas" nas descobertas sobre o homem objetivadas em "instituições" (como a Cerimônia do Chá); na linguagem (como no confundente da concepção de corpo-*Mi*); e em formas de agir (como a arte do arco, à qual aludiremos algumas vezes).

Num texto clássico, o parágrafo inicial de *Offenheit für das Ganze*⁴, o próprio Pieper expõe esse seu método. Nele, Pieper destaca as instituições, mas pode-se aplicar igualmente à linguagem e às diversas formas de agir.

As grandes instituições costumam ser a expressão de grandes experiências, de experiências que estão como que vazadas nessas instituições e, conseqüentemente, um tanto escondidas nelas. Esta é precisamente uma das razões pelas quais é tão difícil dizer cabalmente em que consiste o verdadeiro significado das instituições que condicionam e emolduram a vida humana. Com o simples atentar para o aspecto aparente, histórico-concreto do fenômeno, não se pode decifrar o que elas realmente são e devem ser; para fazê-lo, é necessário penetrar, através de um paciente e cauteloso esforço de interpretação, naquelas experiências, intuições e convicções que se incorporaram nas instituições e que as fundamentam e legitimam. Porém, quando se trata das grandes experiências que o homem tem consigo mesmo e com o mundo, das experiências que condicionam sua vida, não se pode dizer que elas possam ser apanhadas e formuladas facilmente, uma vez que não estão de modo algum ao alcance imediato da consciência reflexiva. Sabemos muito mais do que aquilo que somos capazes de exprimir de improviso, em palavras precisas, num determinado momento. E talvez aconteça que o que digamos de fato passe à margem de nossas verdadeiras convicções.⁵. [...] Precisamente as nossas certezas mais vitais - as que atingem nosso fundamento e o do mundo, de que temos tanta segurança que por elas orientamos nossas vidas - estão fadadas a se transformarem logo em existência viva; se tudo segue seu caminho normal, convertem-se em vida vivida, tornam-se realidades, concretizam-se. Passam, por exemplo, como dizíamos, a formar a organização estrutural das instituições, nas quais se configura e se perfaz o viver histórico do homem. Ainda que não se deem a conhecer de modo imediato, essas experiências estão presentes e ativas, e quem queira expressá-las deve ultrapassar o que se manifesta na superfície e procurar atingi-las para, por assim dizer, retraduzi-las em forma de enunciado.

³ *Verteidigungsrede für die Philosophie*, pp. 116-117.

⁴ <http://www.hottopos.com.br/mirand9/abertu.htm>

⁵. Daí a duvidosa validade das pesquisas de opinião, quando se trata de questões da existência interior: "Precisamente aí é que reside a dificuldade inerente às pesquisas de opinião, quando o seu objeto diz respeito não à existência exterior, mas à interior. As respostas expressam aquilo que os entrevistados acham que pensam, enquanto sua verdadeira opinião lhes escapa e se esconde a tais apressadas pesquisas. "O senhor crê na imortalidade?" (este foi o tema de uma recente pesquisa internacional). Não é um resultado muito significativo o fato de que na Alemanha Ocidental, 47% dos entrevistados tenham respondido afirmativamente. O que realmente um homem pensa da imortalidade possivelmente só se tornará claro (talvez até para sua própria surpresa) num momento de abalo existencial; uma rápida entrevista tem pouca probabilidade de penetrar na dimensão em que se situam tais convicções".

Examinaremos o caso específico da “instituição” Cerimônia do Chá. Ao contrário das demais artes, dos demais *do*, o *Chanoyu* tem sua essência no interpessoal, num encontro. A arte do arco, a do ikebana, a da caligrafia etc. relacionam-se diretamente com um objeto. Já no *Chado*, o chá é mediação, intermediário para um determinado encontro com pessoas. Além de caminho para atingir o Zen, comum aos *do*, no caso do *Chado*, esse caminho passa pelo encontro de pessoas. As inúmeras e complexas regras e instalações materiais estão a serviço desse encontro. Claro que, se tudo corre bem, a partir de determinado momento desse caminho, já nem nos damos conta das regras; interiorizamos-las e passamos a agir conaturalmente a partir delas. O esforço (talvez pesado e de anos) na prática de uma arte marcial é para agir espontânea e “automaticamente” na hora da luta. E o mesmo se dá com todas as artes. Herrigel descreve muito bem esse processo:

O homem é definido como um ser pensante, mas suas grandes obras só se realizam quando não pensa e não calcula. Devemos reconquistar a ingenuidade infantil, através de muitos anos de exercício na arte de nos esquecermos de nós próprios. Nesse estágio, o homem pensa sem pensar⁶.

E conclui:

Uma vez que o homem alcance esse estado de evolução espiritual, ele se torna um artista Zen da vida.⁷

Uma vez mais, não estamos longe da tradição ocidental: nomeadamente, os tratados do *habitus* e da *virtus* de Tomás de Aquino. O texto de Lauand que apresentamos a seguir parece-nos definitivo para o tema (basta trocar “virtude” ou “hábito” por “artes Zen”, “*Chanoyu*” etc.):

Neste quadro, situa-se a doutrina de Tomás sobre a virtude. A virtude - como também o seu oposto: o vício - é um hábito (naturalmente, a virtude é um hábito bom; o vício, mau). Nosso tempo anda tão desorientado no que diz respeito à educação moral que a própria palavra “hábito” nos causa aversão: associamos hábito a condicionamento, domesticação etc. Porém, o verdadeiro sentido do hábito, o que lhe dá Tomás, nada tem a ver com essas deformações. Hábito é pura e simplesmente uma qualidade adquirida (auto-adquirida e livremente desenvolvida) que facilita e aperfeiçoa a ação e aperfeiçoa também o próprio homem. Antes de falarmos dos hábitos morais, pensemos no hábito em outros campos: quem censuraria ao pianista o trabalho de procurar adquirir facilidade e espontaneidade em suas escalas e acordes, ou os esforços de alguém que busca a fluência no falar uma língua estrangeira etc.? Naturalmente, num primeiro momento (quando não há hábito) a ação custa esforço e não se dá espontaneamente, mas com o tempo e com a auto-educação [e, acrescentaríamos, com a arte do *Chanoyu*], surge o hábito: a facilidade. O mesmo ocorre com a

⁶. Herrigel, Eugen. *A Arte Cavaleiresca do Arqueiro Zen*. tradução de J.C. Ismael; 10ª ed. São Paulo: Ed. Pensamento, 1975 (1ª ed.), 1991, p.11.

⁷. *Ibidem*, p. 12.

moral: adquire-se, por exemplo, a virtude da justiça, na medida em que não nos custa tanto esforço dar ao outro o que lhe é devido. Naturalmente, nisso, como em tudo, nem sempre a nossa tendência espontânea é a correta: pode ser que espontaneamente a tendência de alguém fosse a de explorar, atropelar, desrespeitar o outro. Mas, quando esse alguém reconhece que eticamente, por natureza, há, neste e naquele caso concreto, algo que ele deve a outrem e efetivamente o dá, não só está praticando um ato de justiça: está - como no caso da educação musical ou na dos idiomas - adquirindo o hábito, a facilidade de ser justo no futuro. Assim se compreende a sentença de Tomás: "As virtudes nos aperfeiçoam para que possamos seguir devidamente nossas inclinações naturais" (II-II,108,2.) (...). A aquisição de virtudes é, fundamentalmente, auto-educação para aquilo que objetivamente é bom (coincida ou não com a espontaneidade)⁸.

Compreende-se, assim, que as regras do *Chanoyu*, se tudo correr bem, não aprisionam nem sufocam, mas libertam: abrem caminho para a liberdade. Isto porque consubstanciam valores genuínos da convivência.

Antes de pensarmos na instituição *Chanoyu*, vejamos, em casos mais quotidianos e corriqueiros, o processo descrito por Pieper, no parágrafo citado: as instituições incorporam, consubstanciam, materializam realidades, ideias ou ideais humanos. E, uma vez materializadas, con-fundem-se com eles e tornam-nos, de algum modo, invisíveis.

Tomemos, como um primeiro e comezinho exemplo, o "Como vai? & Cia." que inicia as conversas telefônicas. Perde-se um tempo razoável para os protocolos iniciais: "Alô / De onde falam...? / Quem está falando? / Ô, Mendonça / Oi Palhares / Tá podendo falar? / Tô / Tudo bem? / Tudo bem / E você, tudo bem? / Graças a Deus, bem... / etc." Não seria muito mais prático dispensar essas formalidades e ir direto ao ponto: "Vocês têm aí no estoque 500 unidades de tal produto? A que preço? Etc." Sim, em 99% dos casos, elas seriam dispensáveis. Mas elas existem por conta dos raros dias nos quais seria uma inconveniência indesculpável perguntar para o Mendonça (porque faleceu seu pai, porque a mulher está a ponto de dar à luz, porque está esperando um telefonema internacional ou levando uma bronca do chefe...) por 500 unidades de parafuso sextavado...

Ninguém sabe quem começou essa (e tantas outras) instituições. Se "pegaram" é, em muitos casos, porque correspondem a adequadas situações humanas. Como não se pode esperar que todos estejam dotados de bom senso, é necessário, por vezes, avisos (ou até mesmo punições para os infratores): no elevador ou no metrô, a regra é: primeiro descem os que já estavam a bordo e, só depois, entram os ingressantes. Essa regra não é uma mera convenção, ela corresponde a realidades óbvias, que tendem a ser atropeladas, para prejuízo de todos, por egoístas afoitos. Ou mesmo se apela para a própria inviabilidade material:

(No Rio de Janeiro...) Os sinais de trânsito -semáforos para os paulistas- são instalados antes da rua a ser cruzada. Por quê? Para que os motoristas não parem em cima da faixa de pedestre nem furem o sinal. Se o sinal ficar, como na maioria das cidades do país, depois da

⁸. Lauand, Jean "Ética e antropologia - A concepção de Tomás de Aquino" - <http://www.deproverbio.com/DPbooks/LAUAND/3.htm> Acesso em 23-08-10.

rua transversal, a invasão será feita com mais facilidade. Do jeito que é, se o veículo avançar, o motorista não sabe se o sinal já abriu ou não⁹.

Mesmo correndo o risco de cansar o leitor, não resisto a mais um exemplo simples (também este exemplo é das aulas de Lauand), mas fortemente enraizado no ser humano e em suas necessidades. O ambiente de trabalho é relativamente um ambiente duro e pesado, ao qual estamos sujeitos o dia todo, todos os dias. Não por acaso denominaram-se *happy hour* as reuniões informais depois do expediente, que se dão no mundo todo (sobretudo às sextas-feiras), nas quais os colegas se encontram num bar, afrouxam as gravatas, bebem e relaxam. Ninguém nunca se preocupou em escrever (ou sequer enumerar...) as regras desses encontros. No entanto, elas existem, são claras e quando alguém as rompe incorre em falta imperdoável, porque atenta contra a própria essência da “instituição *happy hour*” e da necessidade humana que a produziu. De fato, se se trata de (finalmente) relaxar, após uma semana de (auto-) policiamento e de submissão às regras – essas, sim, explícitas – da empresa, de viver um momento igualitário, sem diferenças, sem os rígidos padrões profissionais etc., cada um está legitimado em falar “bobagens” meio sem nexos (após uma semana de estudados relatórios para a hierarquia da empresa), falar mal do chefe (e de sua família...), comentar, se ela estiver ausente, que a secretária tal é gostosona, enfim, jogar conversa fora. Baseados na regra de ouro do *happy hour*: “Nada do que foi dito naquele espaço será jamais comentado – e nem sequer lembrado – no dia seguinte”. E se algum imbecil violasse essa regra, seria desmentido por todos e desqualificado para sempre, pois, de fato, o Mendonça ontem não falou mal do chefe (era um *happy hour* e num *happy hour* ninguém falou nada...). Caso contrário, não seria *happy hour*, mas uma hora de estresse e tensão pior do que na empresa...

E há mais. Como sempre, o ambiente expressa a antropologia subjacente à instituição: o bar; o desarrear dos paletós e gravatas; o tom de voz; as gargalhadas; a bebida; os petiscos, dimensionados para serem comidos de um só bocado, para não impedir que todos continuem falando ininterruptamente (talvez até de boca cheia, não é hora para requintes de educação...), o que seria impossível num jantar formal de peixe, no qual a atenção deverá necessariamente voltar-se para os espinhos etc. Essa instituição igualitária levou ao surgimento de uma outra, desta vez do outro lado do balcão: máquinas que emitem o valor da conta dividido pelo número de participantes: 38 chopes, 4 porções de pasteis, 2 frangos à passarinho etc. Total R\$ 147,00 / R\$ 24,50 para cada um dos participantes. Ninguém vai chamar a atenção do Palhares por ter tomado mais chopes do que os demais, ninguém vai pedir para embrulhar os pedaços que sobraram, tudo, a semana toda deve ser descarregada no bar. Cada participante deixa R\$ 25,00 e não espera o troco.

O caso da Cerimônia do Chá

Também no caso da Cerimônia do Chá, em um grau de riquíssima complexidade, há uma antropologia subjacente. Quando consideramos essa complexidade, que envolve centenas de detalhes, parece incrível que a Cerimônia transcorra (possa transcorrer...) como a coisa mais natural do mundo.

Sobretudo quando se tem em conta que cada um desses detalhes traz em seu bojo um determinado significado. Tomemos um par de exemplos, tomados do mestre Soshitsu Sen XV¹⁰.

⁹. Costa, Paula Cesarino “Buzinar, passar e parar”. *Folha de São Paulo – Opinião*, 29-08-10.

¹⁰. Sen XV, Soshitsu. *Vivência e Sabedoria do Chá*, tradução de Francesca Cavalli, 2ªed. São Paulo: Ed. T.A. Queiroz, 1981(1ªed.), 1985, pp 55 e 56 resp.

O recinto, também ele, expressa a hospitalidade, simples e elegante:

A sala de chá é um espaço vazio, sem ornamentação, despojado de tudo exceto seus elementos arquitetônicos próprios. Conseqüentemente, quando o anfitrião recebe seus convidados, ele deve, de certa forma, "preparar o palco". Há certos padrões para isto, mas eles podem ser modificados de várias formas de acordo com os sentimentos do anfitrião naquele momento, bem como suas experiências e talentos. A sala pode ser arranjada de maneira simples, em tons discretos como o branco e preto de uma pintura a nanquim, ou pode ser colorida. É quase como se o anfitrião devesse ser um decorador de interiores. Isto, é claro, requer uma certa habilidade, mas o mais importante é a arte de combinar elementos diferentes: uma atenção cuidadosa e essencial na combinação de diferentes utensílios de argila, metal, madeira, laca e outros materiais, de uma maneira elegante porém discreta. Esta combinação é parte de uma reunião de chá.

O mestre nos fala do *kakemono* (pintura ou caligrafia decorativa)...



Kakemono, ikebana e incenso no tokonoma
<http://www.accessjapan.co.uk/newlookfactfile/teaceremony.html>

...e do *tokonoma* (lugar onde se instala o *kakemono* – ou um *ikebana*)

Um *kakemono* é pendurado no *tokonoma* da sala de chá e deve ser selecionado com um carinho especial. Ele constitui um dos meios mais diretos para o anfitrião expressar o tema de uma reunião específica de chá. O *kakemono* é com muita frequência escrito por um mestre Zen; pode ser uma pintura ou a transcrição de uma frase clássica da sabedoria Zen, um poema ou quaisquer palavras apropriadas. Ao pendurá-lo, não se pode simplesmente concluir que ele foi bem escolhido apenas porque se ajusta ao *tokonoma* e ao caráter especial da

sala de chá. Além de seus méritos artísticos, tamanho, formato, tonalidade e outras propriedades, também é preciso, ao selecionar um *kakemono*, levar em conta as estações. No Caminho do Chá a estação do ano é de grande significado. Foi dito que "a primavera tem as flores, o verão tem as brisas frescas, o outono tem a lua, o inverno tem a neve". Para melhor apreciar a estação, o anfitrião pendura um *kakemono* apropriado. No outono, um tema de outono é melhor; no inverno, um tema de inverno. Este tipo de pequena atenção é essencial. Os *kakemonos* têm muitos significados. Podem ser sazonais ou inspiracionais. Quando os convidados olham para o *kakemono*, eles podem ser tocados por sua mensagem ou provar o sabor da estação.

Com todos esses cuidados materiais, não é de estranhar que os convivas se sintam acolhidos e com o espírito elevado e pronto para essa grande comunhão que se dá no *Chanoyu*.

Já Okakura¹¹ nos fala da simplicidade, cujo sentido é convocar o convidado a participar da composição de beleza do recinto, ao convidá-lo a concentrar-se nos poucos objetos oferecidos e perceber a sua beleza ou a “completá-la”, precisamente pela sua incompletude:

A casa de chá é absolutamente vazia, exceto quanto ao que se lhe possa incluir temporariamente a fim de satisfazer algum capricho estético. Alguns objetos de arte são colocados para a ocasião, e tudo o mais é disposto de modo a ressaltar a beleza do tema principal. (...) É o oposto do que segue o Ocidente, onde o interior da casa não raro se transforma em museu (...) permanentemente cheio de quadros, estátuas e quinquilharias, causando (ao oriental) a impressão de uma simples e vulgar exibição de riquezas.



<http://www.rodinhanope.com/?p=91>

¹¹. Okakura, Kakuzo. *O livro do Chá* São Paulo: Ed. Pensamento, 2009, pp. 88 e 89 resp.

(Para o Zen e para o Tao) o belo seria alcançado somente por aquele que mentalmente completasse o incompleto. (...) Na casa de chá, deixa-se a imaginação do convidado completar o conjunto total, de acordo com seu gosto pessoal.

Recebido para publicação em 21-12-10; aceito em 18-01-11